

Carolina de Ribamar e Silva
Erickson R. do Espírito Santo
Janaína Rossarolla Bando
Luana Teixeira Porto
Luci Mary Duso Pacheco

Organizadores

ESTADO DO CONHECIMENTO:
A EXPERIÊNCIA INVESTIGATIVA
EM DIFERENTES TEMÁTICAS
DA EDUCAÇÃO



Frederico Westphalen
2023

O ENTRELUGAR COMO FRONTEIRA DO APRENDIZADO

Simone Soares Rissato Alves¹

Jordana Wruck Timm²

Introdução

Os aspectos relacionados aos processos de ensino e de aprendizagem, que envolvem a educação infantil e o ensino fundamental são amplamente discutidos há décadas, porém os elementos que circundam a realidade do entrelugar, ou seja, da fronteira existente entre a educação infantil e o ensino fundamental, vêm despertando maior interesse no meio acadêmico somente na última década. Dessa forma, essa abordagem torna-se cada dia mais relevante, devido aos diferentes olhares dos pesquisadores, seja em relação à formação dos professores, às práticas pedagógicas realizadas ou, inclusive, ao contexto socio-histórico e cultural das crianças nesse período.

O que se busca é o alicerce para a compreensão acerca das inquietações de pesquisadores e professores sobre a “ponte pedagógica”, a qual deve ser construída para a travessia do período entre a saída da educação infantil e a entrada no ensino fundamental. Isso, dada a importância desses primeiros anos e a necessidade de estudiosos/pesquisadores, professores e demais profissionais envolvidos no processo educativo a fim de compreenderem a complexidade deste entrelugar no cotidiano escolar e de aprendizado dos estudantes, ainda em tenra idade, devido a esse período de fronteira ocorrer aos seis anos, segundo o que preconiza a própria lei.

Existe uma inquietação acerca do tema entrelugar, considerando que a criança passa por diferentes experiências na educação infantil a partir da

¹ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI câmpus de Frederico Westphalen. E-mail: a097467@uri.edu.br

² Doutora em Educação (PUC/RS). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI câmpus de Frederico Westphalen. E-mail: jordana@uri.edu.br

linguagem lúdica, em que o brincar e a brincadeira fazem parte de seu construir cotidiano e, ao chegar no ensino fundamental, simplesmente precisa deixar toda essa ludicidade para trás e iniciar o aprendizado a partir de um processo de adultização. Essa ruptura abrupta pode gerar diversos sentimentos e desmotivação nas crianças, acabando por influenciar negativamente o seu aprendizado escolar e, inclusive, no sentimento de interesse por estar na escola (XAVIER; SEFFNER, 2016).

Em estudo realizado por Silva e Souza (2019) é constatada a existência de diferentes fatores que acabam dificultando o aprendizado das crianças no período entre a educação infantil e o ensino fundamental devido, inclusive, aos problemas existentes nos currículos oficiais e a sua desejada unicidade hegemônica, não permitindo que os currículos possam ter origem no cotidiano da escola e a partir da vivência das crianças, produzindo um conhecimento mais vigoroso. Nesse sentido, as fronteiras curriculares também afetam o aprendizado no entrelugar.

Observou-se, ainda, no decorrer da elaboração do presente estudo, segundo o entendimento de Fonseca *et al.* (2021), que o ano de 2020 fez com que o Brasil e o mundo se curvassem diante de uma dificuldade global, que iniciou no contexto da saúde pública com a pandemia causada pelo Coronavírus e que acabou atingindo também o contexto social e escolar. Nesse último cenário citado, a forma remota empregada nos processos de ensino e de aprendizagem não apenas trouxe a fragilidade das estruturas escolares, como também a fragilidade no preparo dos professores para usar, em larga escala, as tecnologias no intuito de ensinar no cotidiano escolar.

As discussões aqui apresentadas trazem os elementos que envolvem o uso de instrumentos tecnológicos nos processos de ensino e de aprendizado, ilustrando os aspectos que envolvem e envolveram o entrelugar nesta última década, enfatizando inclusive como os professores, alunos e a escola conseguiram fazer a transição de educação totalmente presencial (na forma tradicional), para um ensino totalmente remoto ou híbrido, considerando os fatores cognitivos, sociais e educacionais vivenciados pelas crianças nos primeiros anos da educação infantil e no período de transição para o ensino fundamental.

Nesse sentido, esta pesquisa possui o propósito de discutir os caminhos e descaminhos do ensino na educação infantil, especialmente no momento transitório do entrelugar da saída da educação infantil para a entrada do ensino fundamental. Este estudo buscou dados em trabalhos que tratam sobre o tema de fronteira de transição escolar e os ajustes necessários para que esse momento seja positivo e produtivo para as crianças. Com isso, é possível observar como são abordados os contextos e conceitos em 15 investigações defendidas no período de 2010 e 2022.

Ao analisar os estudos já realizados e os temas abordados, o presente artigo, construído a partir de um estado do conhecimento, tem como objetivo analisar o entrelugar como fronteira do conhecimento e expor alguns dos aspectos que desmotivam as crianças para o aprendizado escolar no referido contexto.

Método

Para o desenvolvimento deste artigo, o caminho metodológico escolhido foi de pesquisa bibliográfica, com método dedutivo e análise quali-quantitativa, sendo que o primeiro passo executado foi a elaboração do estado do conhecimento a partir de levantamento de dados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e levantamento de artigos no site da SciELO. Assim, nesses bancos de dados fez-se uma busca por pesquisas científicas já realizadas com temas que se aproximam com o que aqui está sendo apresentado.

Nessa perspectiva, foram encontradas 15 pesquisas defendidas entre os anos de 2010 e 2022, divididas em artigos científicos (AC), dissertações de mestrado (DM) e teses de doutorado (TD). Cada um dos estudos foi amplamente analisado e as considerações essenciais de cada trabalho foi aqui apresentada com o propósito de identificar as nuances, desafios e perspectivas presentes nas análises sobre o entrelugar e o uso de tecnologias para qualificar esse período de transição entre a educação infantil e o ensino fundamental. Os 15 trabalhos aqui apresentados estão divididos em 10 AC, três DM e duas TD.

Posteriormente, os dados coletados e selecionados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo segundo a concepção teórico-metodológica de Bardin (2009), na qual o estudo é desenvolvido a partir de três fases específicas: pré-análise, em que se realiza a exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. A pré-análise se relaciona com o processo de sistematização dos textos, buscando, a partir das ideias iniciais, a estruturação de um esquema facilitador para a compreensão do tema analisado; a fase de exploração do material é um momento de trabalhar a categorização, estruturada com base nos registros de categorias dos dados coletados; e a terceira é a fase da interpretação, quando ocorre o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, o que gera a possibilidade de desenvolver as considerações finais sobre o tema analisado. O estado do conhecimento, no presente estudo, foi construído em uma configuração de leitura e análise de dados secundários, ou seja, de outros estudos já realizados, a partir do esquema de ação representado no Quadro 1.

Quadro 1 – Caminho metodológico percorrido

Estado do Conhecimento	ETAPA	AÇÃO REALIZADA
	Primeira	Escolha dos descritores para a pesquisa: “Educação Infantil”; “Ensino Fundamental”; “Entrelugar”; “Fronteira” e “Aprendizado”.
	Segunda	Pesquisa com os descritores no site SciELO e na CAPES.
	Terceira	Levantamento de estudos entre 2010 e 2022 e descarte de estudos anteriores a 2010.
	Quarta	Recorte por título.
	Quinta	Leitura dos resumos, introdução e considerações finais dos estudos coletados e selecionados pelo título.
	Sexta	Descarte dos estudos que embora no título tivessem alguma semelhança com o tema aqui analisado, não apresentavam texto adequado para a composição deste artigo.
	Sétima	Leitura dos 12 estudos selecionados, com o devido fichamento. Sendo oito artigos, duas dissertações e duas teses.
	Oitava	Estrutura do estado do conhecimento com apresentação de quadro contendo ano de publicação, nome do pesquisador, tipo de estudo, título do trabalho e evento/revista/universidade.
	Nona	Análise do tema “o entrelugar como fronteira de aprendizagem”

		segundo os estudos selecionados e trabalhados.
	Décima	Elaboração do artigo a partir da análise dos dados coletados.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Aqui, dois elementos precisam ser destacados em relação às ações executadas. Primeiramente, o entendimento de Marconi e Lakatos (2013), de que as pesquisas com dados secundários, ou seja, o estado do conhecimento a partir de estudos já realizados é um dos mais importantes meios de construção de estudos acadêmicos. E, um segundo ponto a ser apresentado, é que a escolha da pesquisadora deste artigo foi por levantar trabalhos somente realizados por pesquisadores/estudiosos brasileiros, de forma a promover as pesquisas nacionais e compreender os aspectos que envolvem a realidade nas escolas brasileiras sobre o entrelugar.

Com relação à análise executada, ela foi desenvolvida de forma qualitativa, pois foi realizado um processo de análise de conteúdo, em que se buscou compreender os principais focos de abordagem de cada estudo levantado, bem como, construir um texto que se volta para o pilar do estudo acadêmico que contempla a construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento a partir de dados já analisados.

O método dedutivo permite que a partir de uma hipótese genérica o pesquisador possa chegar a uma nova conclusão. Assim, o método do presente artigo tensiona apresentar o entrelugar enquanto fronteira entre a educação infantil e o ensino fundamental, demonstrando as nuances vivenciadas pelas crianças nesse ambiente intermediário entre a escola lúdica e a escola em que acabou a brincadeira e reinicia um novo processo educativo.

Estado do conhecimento: o entrelugar como fronteira do aprendizado

A análise do entrelugar, que corresponde ao período escolar entre a educação infantil e o ensino fundamental, vem se tornando uma discussão acadêmica de relevância, devido aos diversos aspectos que caracterizam essa etapa de fronteira escolar e que pode influenciar o aprendizado dos alunos.

Fatores relacionados com a lei educativa, com a formação continuada dos professores, com o uso de práticas pedagógicas diferentes na educação infantil e no ensino fundamental e, especialmente, as transformações tecnológicas que estão ocorrendo, ainda mais neste tempo em que vivenciamos a pandemia da Covid-19, com o distanciamento social e educação remota, são alguns dos itens que tornam ainda mais complexo o entrelugar para as crianças.

Sobre essa questão de transformação do processo de ensino escolar devido à pandemia, tem-se o entendimento de que:

Em meio ao cenário pandêmico do ano de 2020, as pessoas tiveram suas vidas alteradas abruptamente em diversos aspectos, dentre eles: profissional, pessoal, social e estudantil, sendo necessárias medidas de distanciamento. No que tange ao contexto educacional, a pandemia da COVID-19 acarretou grandes desafios. De forma incomum, como modelo de ensino, adotou-se as atividades remotas, compartilhando com toda a comunidade escolar os contratempos dessa alternativa de ensino. Sendo essa a única maneira de realizar as aulas e/ou atividades escolares, em tempos de pandemia, vê-se que os alunos dos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental, especialmente, as crianças que estavam em processo de alfabetização, encontravam-se numa situação complexa de adaptação, uma vez que há pouco tempo saía da educação infantil [...] (AURELIANO; QUEIROZ, 2022, p. 3).

Esse novo cenário, que exige mudanças de ações de professores e alunos, é também transformador para as escolas e as famílias, pois os processos de ensino e de aprendizagem tornaram-se mais complexos a partir do distanciamento e da necessidade de adaptação de todos os atores escolares a esta nova realidade. Os contratempos ou desafios vivenciados nas escolas com relação à pandemia, segundo Aureliano e Queiroz (2022), devem levar a um momento de reflexão no campo acadêmico sobre as mudanças no ensinar e no aprender neste momento atípico.

Na compreensão dos mesmos autores (2022), a pandemia da Covid-19 originou uma inquietação aos professores, especialmente no caso da educação infantil, pois a metodologia adotada para a educação tem relação com a utilização de tecnologias e essa ação não era realizada de forma expressiva pelos docentes. Pondera-se, ainda, o isolamento dos professores e o fato de que precisaram se reinventar para utilizar de forma produtiva as tecnologias e oferecer para as crianças um ensino prazeroso, significativo e

de qualidade. Fica evidente, no estudo realizado, que a necessidade de uma educação totalmente tecnológica pode ter originado um desafio aos professores, já que eles não estavam aptos em um curto tempo para estar neste formato remoto. Nesse sentido, essas questões acabaram por afetar o aprendizado e o desenvolvimento de outras competências das crianças, o que precisa ser amplamente discutido.

Assim, a elaboração deste artigo, que contempla o estado do conhecimento, também teve como objeto conhecer os temas que estão sendo pesquisados no Brasil entre 2010 e 2020, trazendo os problemas enfrentados no entrelugar, os quais tenham o potencial de influenciar o aprendizado das crianças que estão passando pela etapa de fronteira entre a educação infantil e o ensino fundamental.

Quadro 2 – Publicações selecionadas para o estado do conhecimento

Ano de Publicação	Nome do Pesquisador	Tipo de Estudo	Título do Trabalho	Evento/Revista/ Universidade
2011	KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia	AC	Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental.	Revista: Educação e Pesquisa
2011	MOTTA, Flávia Miller Naethe	AC	De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental.	Revista: Educação e Pesquisa
2012	SILVA, Márcia Agostinho da	AC	“Vai sentar, parece que tem um bicho forgulha no corpo!”: O lugar das crianças no processo inicial de escolarização no ensino fundamental.	Evento: COEB – 2012 – Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo
2015	ZANATTA, Joana; MARCON, Vera Inês; MARASCHIN,	AC	O processo de transição da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental: desafios e possibilidades.	Evento: EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação. IX Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar – ENAEH. III Seminário

	Maria Lucia Marocco			Internacional de Representações Sociais – Educação. V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente- SIPO – Cátedra UNESCO
2015	DIAS, Edilamar Borges; CAMPOS, Rosânia	AC	Da educação infantil para o ensino fundamental: qual o fio condutor no processo de transição sob o olhar das crianças.	Congresso Nacional de Educação. IX Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar – ENAEH. III Seminário Internacional de Representações Sociais – Educação. V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente- SIPO – Cátedra UNESCO
2016	MARTINS, Josy Cristine; FACCI, Marilda Gonçalves Dias	AC	A transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental	Revista: Cad. Pes.
2018	QUEIROZ, Norma Lucia Neris; PULINO, Lucia Helena Cavasin Zabotto	AC	Da educação infantil ao ensino fundamental: construindo um processo de transição compartilhada.	Revista: Com Censo #13
2019	SILVA, Tamil Mardegan da; SOUZA, Letícia Regina Silva	AC	Os entrelugares de uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental: currículos de resistência cotidiana.	Evento: 39ª Reunião Regional ANPED.
2021	FONSECA, Janete Rosa da; TEIXEIRA, Lovania Roehrig; CARMONA, David Arenas	AC	O socioconstrutivismo, a literacia e o trabalho com TICs durante a pandemia de Coronavírus em 2020.	Revista: Texto Livre
2022	AURELIANO, Francisca Edilma	AC	As tecnologias digitais como recurso pedagógico do ensino	Revista: Scielo Preprints.

	Braga Soares; QUEIROZ, Damiana Eulinia de		remoto: implicações na formação continuada e nas práticas docentes.	
2015	BARBOZA, Gerogete de Moura	DM	Agora, acabou a brincadeira! A transição da educação infantil para o ensino fundamental na perspectiva dos coordenadores pedagógicos.	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
2018	SILVA, Tamili Mardegan da	DM	Os entrelugares educação infantil-ensino fundamental: o que podem os currículos tecidos com os cotidianos das escolas?	Universidade Federal do Espírito Santo
2021	MOTA, Adriana Sandes.	DM	Alfabetização e heterogeneidade: o desafio de considerar os diversos saberes sobre a escrita no ensino remoto emergencial.	Universidade Federal da Bahia.
2010	NEVES, Vanessa Ferraz Almeida	TD	Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental: um estudo de caso.	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
2020	CAMARGO, Gisele Brandelero	TD	A travessia da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental: a experiência da criança.	Universidade Federal do Paraná

AC (Artigo Científico); DM (Dissertação de Mestrado); TD (Tese de Doutorado).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Observou-se, conforme o demonstrativo do Quadro 2, que no ano de 2015 houve o maior número de estudos relacionados ao entrelugar, sendo dois AC, ambos do evento do EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação. IX Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar – ENAEH. III Seminário Internacional de Representações Sociais – Educação. V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente – SIPO – Cátedra UNESCO e uma DM da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Ao trazer estudos já relacionados com o período de pandemia da Covid-19 e a necessidade de discorrer sobre o uso das tecnologias para a ressignificação da educação infantil, dado o distanciamento, tem-se no ano de 2021 o AC de Fonseca *et al.* (2021) e a DM de Mota (2021), ambos discutindo os aspectos que envolvem as limitações e desafios dos professores e a atuação na prática pedagógica com a tecnologia e o distanciamento social, que afetou todas as fases da educação, mas afetou ainda mais para as crianças da educação infantil. O Quadro 2 traz ainda a apresentação de um AC de Aureliano e Queiroz (2022), discutindo o enfrentamento dos professores na educação infantil.

Chama a atenção os dados apresentados no Quadro 2 de que a Revista Educação e Pesquisa publicou dois AC em 2011, com o estudo de Kramer *et al.* (2011) analisando os desafios da transição na educação infantil para o ensino fundamental, considerando a lei educativa que disciplinou sobre essa transição aos seis anos. Em seu AC, Motta (2011) esclarece que apresentou as transformações sociais ocorridas nas crianças na passagem da educação infantil para o ensino fundamental e a complexidade desse caminho transitório.

Nos cursos de doutorados no Brasil, o interesse pela discussão em relação aos fatores que possam influenciar na travessia da educação infantil para o ensino fundamental apresentou-se em 2010 e retornou em 2020, sendo que na TD de Camargo (2020) a pesquisa deu voz para as crianças, a partir de um relato de experiência. Já nos cursos de mestrado, os estudos estiveram concentrados entre o ano de 2015 e 2018, quando foram trabalhados, respectivamente, a transição a partir das coordenadoras pedagógicas e os currículos e como influenciam no cotidiano do aprendizado.

Cabe citar que o AC de Silva (2012) traz a expressão: “Vai sentar, parece que tem um bicho orgulha no corpo!”, tratando da (não)liberdade da criança quando passa da educação infantil para o ensino fundamental, seja pela forma dos professores em não aceitar a liberdade das crianças existentes em seus primeiros anos de escola, seja pelo processo de adultização que ocorre nos alunos neste período de travessia. A DM de Barboza (2015) também trata desse ponto, sendo que o tema analisado foi:

“Agora, acabou a brincadeira!” e como os coordenadores pedagógicos perceberam esse processo transitório.

Segundo as ponderações da TD Camargo (2020), toda a travessia carrega consigo uma certa dificuldade, seja na travessia da margem de um rio para outra, de um lugar para outro, de uma situação cotidiana, ou ainda, no contexto escolar de uma etapa para outra, quando o desconhecido chega exigindo ações/reações que a pessoa não conhece ou não compreende.

É certo o fato de que professores e estudiosos afirmam que esse período de travessia é passageiro e que logo a pessoa se adapta, no caso do presente estudo, a criança se adapta em ser aluno do ensino fundamental, porém, o questionamento é quanto tempo levará esse processo de adaptação e se ele ocorre naturalmente e de forma igual para todos. Assim, é pertinente a discussão sobre o entrelugar e os desafios desse tempo de travessia.

Na DM de Barboza (2015) é pontuado que essa discussão sobre o entrelugar não é recente, todavia ganhou maior intensidade a partir da promulgação da Lei Federal nº. 11.274/2006, quando o ensino fundamental foi ampliado para nove anos e as crianças passaram a adentrar neste novo ciclo com seis anos de idade, quando tal ação gerou questões pedagógicas e educativas com relação ao período de travessia de um ciclo para outro.

Em um AC, os pesquisadores Zanatta, Marcon e Maraschin (2015) também argumentam sobre a lei que gerou a entrada no ensino fundamental de crianças de seis anos de idade, comentando que essa entrada precoce, em uma nova etapa na escola, não significa que a educação infantil precisa se ocupar do que seria a preparação das crianças para a entrada na etapa seguinte, o ensino fundamental. No entanto, para os autores, é importante que em cada movimento se faça o possível para atender as especificidades do desenvolvimento e também da aprendizagem das crianças nas suas distintas faixas etárias e nos diferentes processos formativos, garantindo que o jogo, o brinquedo, o brincar e a ludicidade sejam parte nessa etapa escolar e nesse processo formativo. O estudo aborda os assuntos pertinentes à adaptação das crianças nessa nova fase e, ainda, como os professores acolhem esses alunos, gerando condições favoráveis para sua adaptação física/estrutural, social e emocional no ensino fundamental. Nesse sentido, os estudiosos

sugerem repensar as questões que envolvem o fundamental de nove anos, pois não há que se falar em simplesmente inserir as crianças um ano mais cedo no ensino fundamental para que a educação brasileira ganhe em qualidade e possibilidade de melhor aprendizado das crianças.

As discussões sobre esse período de travessia levantam diversos pontos, inclusive acerca da participação dos professores nessa etapa e da possibilidade de transformação positiva/produtiva para os alunos, considerando a ação das práticas pedagógicas dos professores.

Nesse mesmo norte analítico, Queiroz e Pulino (2018), em um AC publicado pela Revista Com Censo #13, esclarecem que existem elementos dificultadores na passagem das crianças da educação infantil para o ensino fundamental e, segundo levantamento junto aos profissionais da educação e aos próprios familiares das crianças, essa transição faz com que as crianças assumam uma dimensão educativa mais complexa no ensino fundamental, porém, nem todas estão aptas a vivenciar essa experiência na idade de seis anos.

Nesse sentido, é relevante enfatizar o entendimento de que essa discussão sobre o entrelugar e os aspectos que envolvem a entrada das crianças para o ensino fundamental com seis anos precisa ser amplamente refletida e discutida, a fim de trazer as vozes de professores, pais, crianças e pesquisadores, de forma que se avalie se essa ação de antecipação da vida escolar das crianças é efetivamente positiva.

Com o foco na mesma discussão acerca dos elementos que envolvem a passagem entre a educação infantil e o ensino fundamental, o AC de Kramer *et al.* (2011) trouxe a necessidade de compreensão acerca das especificidades presentes nesse período, considerando a necessidade de articulação para atender as demandas das crianças nas duas etapas e no período de travessia.

No AC de Silva (2012) é tratada a questão que envolve o fato de que a brincadeira e o brincar fazem parte da cultura infantil e permitem o seu aprendizado e desenvolvimento. Atenta-se que é no brincar que evoluem os sujeitos-crianças e sujeitos-alunos, porém aponta-se que os sujeitos-alunos não deixam de ser crianças e, por isso, é relevante que os professores

tenham consciência de que na fronteira entre a educação infantil e o ensino fundamental ocorre uma nova etapa, mas, ainda possuem demandas de crianças.

Aqui é trazida uma importante discussão, tendo em vista que é pertinente a consciência de pais e professores de que os alunos no entrelugar ainda são crianças e precisam ser observadas suas demandas e trabalhados os elementos lúdicos para o seu desenvolvimento e aprendizado. Acreditar que, por se encontrar nos primeiros anos do ensino fundamental, os alunos de seis anos deixam de ser criança é um equívoco que pode levar ao desencantamento com o aprendizado escolar e, inclusive, com a própria escola.

Analisa-se o entendimento de que entrelugar é um período que não constitui nem a educação infantil e nem o ensino fundamental, mas sim, uma fronteira que carrega em si as duas etapas e precisa ser atendida de forma especial por professores e pelos familiares, de modo a não tornar um período conflituoso para a criança/aluno.

Em um AC, os pesquisadores Silva e Souza (2019) trataram sobre o momento fronteiro entre a educação infantil e o ensino fundamental, considerando zonas intervalares em que existe uma multiplicidade de elementos específicos, que precisam ser tratados pelos professores com uma prática pedagógica continuada e descontinuada, pela amplitude e complexidade do período e sua influência no aprendizado dos alunos.

Nesse período de fronteira entre a educação infantil e o ensino fundamental, as crianças acabam tendo uma outra percepção enquanto alunos e esse processo pode ser complexo. Por isso, é necessário que os professores e professoras ofereçam apoio pedagógico e emocional para as vivências desses estudantes, considerando que mesmo estando em uma nova etapa escolar ainda continuam crianças, mas precisam trabalhar para seu amadurecimento, sem, no entanto, fazer uma ruptura que acabe influenciando negativamente no aprendizado nos anos iniciais do ensino fundamental.

Em seu estudo (AC), Fonseca e Carmona (2021) trazem para a luz das discussões acadêmicas relevantes aspectos positivos e negativos originados

neste período de pandemia da Covid-19. Para tanto, os pesquisadores levaram em conta a literacia, ou seja, o processo de letramento ocorrido com complexidade no entrelugar, a partir do uso de tecnologias capazes de permitir a continuidade do processo educacional interrompido pelo afastamento social, decorrente do período pandêmico. A pesquisa apontou que diversos pontos frágeis no período pandêmico devem ser considerados, são eles: a falta de estrutura dos contextos das famílias para oferecer computadores, ambientes e instrumentos tecnológicos para os alunos e, inclusive, acesso à internet; a falta de estrutura escolar de forma a possibilitar aos professores tais instrumentos tecnológicos e acesso adequado à internet; a falta de formação e prática dos professores para o uso adequado dos instrumentos tecnológicos para o exercício pedagógico cotidiano e, ainda; a dificuldade na realização do diagnóstico do nível de aprendizagem das crianças, devido ao fator de distanciamento dos alunos das salas de aula e da interação com os professores.

Para Fonseca e Carmona (2021), dentre os fatores positivos experienciados no distanciamento advindo do período pandêmico e a transformação das práticas pedagógicas, estão as experiências dos professores e o fato de que houve o interesse na busca, conhecimento e apropriação dos recursos tecnológicos, com resultados de uma prática mais reflexiva. Além disso, destacaram a ressignificação das práticas, inclusive a partir de uma formação continuada no contexto do universo tecnológico, com o uso de ferramentas para uma educação de qualidade, mesmo que em processo de distanciamento social. Outro aspecto positivo encontrado pelas pesquisadoras em relação a esse período pandêmico e o ambiente escolar, está no fato de que a tecnologia pode gerar a oportunidade de elaboração de novas metodologias alfabetizadoras, contribuindo e possibilitando o aprendizado qualitativo das crianças.

É relevante o entendimento apontado pelas pesquisadoras sobre o fato de que esse processo de distanciamento, devido ao período pandêmico, trouxe a necessidade de informatização das escolas e, ainda, o acesso à internet de qualidade nos lares brasileiros, seja no contexto dos professores ou das crianças. Afinal, o aprendizado é dependente dos processos e

ferramentas tecnológicas de todos os atores desta relação de ensino e de aprendizagem nos espaços educativos.

O AC de Aureliano e Queiroz (2022) traçou paralelos entre a teoria sobre o aprendizado escolar no período da pandemia da Covid-19 e a inquietação dos professores nesse período, especialmente pela dificuldade dos profissionais com relação à apropriação eficiente do saber a partir das novas metodologias e das práticas pedagógicas adotadas frente à necessidade de dar continuidade aos processos de ensino e de aprendizagem, mesmo com o isolamento social. Apresentam, os referidos autores, que a modalidade de ensino com a utilização da tecnologia nas práticas pedagógicas evidenciaram a falta de habilidades de grande parte dos professores para se apropriar produtivamente e qualitativamente desses processos.

No entendimento de Aureliano e Queiroz (2022), é preciso observar que não apenas a execução das práticas pedagógicas para o ensino das crianças se ergueu a partir de dificuldades, mas também o fato de que a metodologia para o professor identificar a assimilação dos conteúdos escolares e o aprendizado das crianças ganhou nova conotação, mais complexa, especialmente no contexto da alfabetização. Ademais, foi necessária uma reinvenção das práticas metodológicas docentes para a alfabetização e o ensino adequado e a aprendizagem significativa.

O AC de Aureliano e Queiroz (2022) evidencia importantes discussões acerca da necessidade de adaptação dos professores, no que se relaciona ao uso das tecnologias para as suas práticas pedagógicas com as crianças e, ainda, as limitações dos efetivos resultados do aprendizado, a partir dos instrumentos tecnológicos utilizados.

Pondera-se que tanto no AC de Fonseca *et al.* (2021), quanto de Aureliano e Queiroz (2022), os pesquisadores buscam aspectos positivos e negativos no contexto da necessidade de adaptação de escolas, professores e alunos para o aprendizado das crianças, ainda mais no processo de alfabetização vivenciado nos primeiros anos do ensino fundamental, considerando a necessidade urgente no uso das tecnologias nas práticas pedagógicas dos professores. Apontam, os referidos pesquisadores, que esse

processo de adaptação das tecnologias nas vivências escolares ocorreu de forma brusca e nem sempre encontrou escolas, professores e crianças aptas a realizar essa transição.

Como bem explicaram Queiroz e Pulino (2018), existe na criança um sentimento de “ser grande” quando inicia no ensino fundamental, fato que pode gerar motivação para mudar de etapa escolar e, até mesmo, de escola. Todavia, as práticas pedagógicas nessa etapa fronteira devem ser motivadoras e não há que se falar em ruptura com a educação infantil, podendo existir nessa etapa o “dia do brinquedo” ou da “ludicidade e brincadeira”, de forma que a criança possa dar continuidade ao seu processo de aprendizado em uma linguagem lúdica e por ela conhecida. Afinal, consideram os pesquisadores, a ruptura abrupta da prática pedagógica vivenciada na educação infantil, nesse período de entrelugar, pode ser um fator negativo para o aprendizado das crianças e, inclusive, gerar o distanciamento delas com o estar na escola e para um aprendizado prazeroso e significativo.

Em seu AC, Motta (2011) destaca a importância de garantir o lúdico no período de transição entre a educação infantil e o ensino fundamental, sendo que o aprendizado pode ser potencializado pelo brincar, bem como constitui a ludicidade uma forma de estabelecimento de diálogo entre as duas etapas educativas. Nesse mesmo entendimento, Zanatta *et al.* (2015), consideram o brinquedo e a brincadeira, ou seja, o lúdico, um instrumento indispensável para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, independentemente de sua faixa etária.

Entende-se, portanto, que a estrutura pedagógica trabalhada pelos professores no período do entrelugar é essencial para que a criança consiga passar de forma tranquila e harmoniosa e para que seja receptiva em relação à nova etapa escolar. Nesse sentido, contempla-se a amplitude e importância em discutir sobre a proposta pedagógica desse período fronteiro.

Segundo o que foi discutido no AC de Martins e Facci (2016), é imprescindível a análise na estrutura da proposta pedagógica tanto da educação infantil quanto no ensino fundamental, sendo importante que os professores busquem refletir e questionar sobre a estrutura curricular em

cada etapa e, inclusive, acerca da necessidade de trabalhar a alfabetização desde a educação infantil.

Nesse mesmo sentido, Zanatta *et al.* (2015) pontuam a pertinência na articulação do conteúdo escolar entre a educação infantil e o ensino fundamental, sem que ocorra recorte no eixo transitório, ou seja, no entrelugar. Assim, é preciso que a grade curricular seja repensada considerando reduzir os problemas ocorridos pela ruptura do período de fronteira entre uma etapa e outra, sempre buscando o respeito a cada uma das especificidade da infância e do aprendizado escolar e, para isso, é relevante trabalhar uma proposta curricular articulada entre as referidas etapas, sem que ocorra corte brusco.

Cabe aqui analisar a relevância de existir comunicação e sintonia entre as propostas curriculares, de forma que no período do entrelugar não ocorra um processo de descontinuidade da ampliação de saberes da criança. Essas propostas curriculares devem atuar como elementos motivadores para o aprendizado contínuo dos alunos, para tanto, é necessária a participação direta dos professores e demais profissionais envolvidos no processo educativo.

Uma das considerações do estudo de Silva (2012), acerca do currículo da educação infantil e do ensino fundamental, é sobre os desafios da continuidade por trabalhar o lúdico no entrelugar, sendo a educação física uma área que pode auxiliar nesse trabalho, a partir das brincadeiras e interações que tenham o brincar como uma forma de realização.

Trata-se, assim, de algo desafiador para os professores trabalharem o currículo no período do entrelugar e para a qualidade curricular e pedagógica desse período. Isso depende do olhar e das propostas pedagógicas dos professores assim como da estrutura curricular e física da escola e do atendimento às áreas presentes nas exigências curriculares das políticas educativas.

Em sua TD, Neves (2010) discutiu acerca da necessidade de intervenção pedagógica de forma que esse período de transição das crianças entre a educação infantil e o ensino fundamental ocorra de modo positivo. Cabe pontuar que esse período de transição influencia positivamente na

continuidade da educação escolar, gerando também um fator favorável para o seguimento do estudo e o aprendizado no ensino fundamental.

Em um trabalho (AC) realizado por Dias e Campos (2015), os pesquisadores abordaram a questão cultural da criança no contexto do entrelugar. Eles apontaram a importância cultural e social na vida da criança o seu acesso ao universo escolar e, especialmente, a sua interação com o novo, no que se relaciona ao iniciar o ensino fundamental, como uma forma de transformação/evolução do aprendizado escolar. Também citaram que o cotidiano escolar é um momento de construção, evolução/revolução, desenvolvimento e crescimento das crianças, e que trata-se, ainda, de um tempo de curiosidades, medos e incertezas que precisam ser refletidas, debatidas e valorizadas pelos professores.

Na DM de Silva (2018) foi dialogado sobre o fato de que cada sujeito tem um modo peculiar no que se relaciona a vivenciar as rupturas e prosseguimentos. Isso demonstra que embora seja um momento complexo, o entrelugar é vivenciado de forma diferente por cada criança. Se pontua, ainda, que no período do entrelugar ocorre um misto de vivências e transformações entre as crianças, que se misturam com a diferença das etapas, dos professores, dos gestores e do próprio sistema de alfabetização.

Essa compreensão de que existe diferença entre as crianças, em sua vivência e aprendizado no entrelugar, traz ainda mais presente a complexidade desse período e a importância das práticas pedagógicas utilizadas nas duas etapas, ou seja, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental. A harmonia dessas duas etapas, especialmente, é o que possibilita a garantia do aprendizado prazeroso e significativo das crianças, sendo a prática pedagógica educativa essencial em cada fase.

A DM de Mota (2021) apresenta como linha de análise, reflexão e discussão a interferência do ensino remoto emergencial na perspectiva de aprendizagem das crianças no período do entrelugar. Afirma a pesquisadora, que dentre os desafios observados nessa modalidade de ensino remoto, alguns pontos como a falta de planejamento dos professores para a realização de suas práticas pedagógicas alfabetizadoras e a complexa relação professor/criança frente ao distanciamento social e à necessidade de

articulação para novas formas de ensinar a aprender, são elementos que precisam ser citados e amplamente discutidos de forma que seja possível qualificar o aprendizado das crianças, mesmo com limitações no acesso ao conteúdo escolar e distanciamento dos professores.

No estudo (DM) de Mota (2021), a pesquisadora descreve o fato de que as mudanças nos processos de ensino e de aprendizagem escolar, não previstas e tendo que ser realizadas de forma rápida e, nem sempre, estruturada, geraram desafios para todos no âmbito do contexto educacional. No entanto, aos professores alfabetizadores esse foi um desafio ainda mais instigante, devido à fragilidade da preparação para utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no processo de ensino e, também, à falta de tempo para que essa transição tecnológica fosse realizada com qualidade e harmonização desses instrumentos e as práticas pedagógicas. Tais fatos levaram os professores a uma reflexão nas estratégias utilizadas em seu cotidiano, antes e depois do período pandêmico e, também, o autoconhecimento e autoavaliação acerca de seu despreparo formativo para atuação no isolamento social.

Os estudos analisados trouxeram relevantes contextos sobre o processo de ensinar e aprender a partir do uso das tecnologias nas práticas cotidianas e, ainda, os fragmentos de experiências e discussões sobre a adaptação das escolas para o ensinar e o aprender durante o período da pandemia, considerando as lacunas no conhecimento tecnológico dos professores. A fragilidade no acesso às tecnologias, pelas crianças, no contexto do distanciamento social originado no momento pandêmico, evidenciou a fragilidade social dos infantes, relacionada aos seus familiares e às escolas públicas.

Segundo o AC de Motta (2011), quando nos primeiros anos do ensino fundamental existe uma continuidade das práticas educativas realizadas na educação infantil, existe a possibilidade de melhores resultados para o aprendizado das crianças, independentemente da faixa etária. O estudo considera que a escola é que deve atuar de forma a se adaptar às crianças, sendo a proposta pedagógica o principal instrumento para a facilitação desse processo de travessia e de continuidade do aprendizado.

Nesse ponto, se apresenta um importante aspecto considerando que não apenas os professores, mas também todos os envolvidos no processo educativo são responsáveis por construir e garantir um ambiente favorável para as crianças no entrelugar, além de gerar a continuidade do aprendizado da criança em um ambiente positivo para que essa criança possa se sentir segura e feliz em participar ativamente do seu processo de aprendizagem. É necessário considerar que essa qualidade do entrelugar ocorre quando a passagem da educação infantil para o ensino fundamental é realizada de forma harmoniosa e contínua, no que se relaciona à prática pedagógica e a relação professores/aluno e o uso de uma linguagem entendida e segura para a criança.

Em seu estudo, Martins e Facci (2016) asseguram que essa passagem entre a educação infantil e o ensino fundamental não deve ser brusca e, ainda, que a continuidade do processo de aprendizado da criança depende do contexto estrutural do ensino fundamental, sendo que esse ambiente é diferente da educação infantil em todo o Brasil. Assim, avaliam que a etapa inicial do ensino básico se torna mais complexa pelo distanciamento entre a educação infantil e o ensino fundamental.

Como bem analisam Martins e Arce (2010), a educação básica no Brasil precisa de uma melhor articulação entre as etapas de ensino, ou seja, são necessárias articulações entre a educação infantil e o ensino fundamental, bem como entre o ensino fundamental e o ensino médio, pois o que se observa é uma fragmentação do trabalho pedagógico e do conteúdo, o que gera bloqueios nos alunos em cada um dos momentos transitórios.

Infelizmente, esse processo de desarticulação entre uma etapa da educação escolar e a outra, no Brasil, contempla uma fragilidade que afeta diretamente o aprendizado dos alunos e, também, atua de forma negativa na prática pedagógica dos professores, constituindo uma transição abrupta e descontinuada.

Na análise de Martins e Facci (2016), a criança precisa se apropriar dos conhecimentos científicos e cotidianos construídos e reconstruídos no decorrer da história da humanidade, mas isso somente ocorre se existir um espaço com condições favoráveis para concretizar o aprendizado. Por isso, é

necessário que todas as escolas possam oferecer aos alunos professores reflexivos e engajados, com olhar sensível e humanizado sobre o ser criança e com uma construção curricular articulada, por meio das múltiplas linguagens conhecidas pelas crianças.

Considerações finais

As características do entrelugar vêm despertando interesses nas discussões acadêmicas, especialmente na última década, tendo em vista a importância em compreender as nuances desse período escolar, presentes na fronteira entre a educação infantil e o ensino fundamental, pois, quando essa etapa transitória não é preparada para as crianças, acaba por influenciar negativamente no aprendizado.

Em resposta ao objetivo traçado neste artigo, concluiu-se que dentre os aspectos que geram a desmotivação das crianças para o aprendizado escolar estão: a entrada das crianças com apenas seis anos de idade para o ensino fundamental; a falta de continuidade no processo de aprendizado; as práticas pedagógicas no ensino fundamental, que são distanciadas do brincar, dos brinquedos, das interações e da ludicidade enquanto linguagem reconhecida pelas crianças; a transição abrupta e desarmoniosa entre uma etapa e outra; a base curricular do ensino fundamental; o processo de adultização que pode ocorrer no ensino básico; e a falta de compreensão das escolas acerca da importância de ocorrer uma passagem tranquila e harmoniosa entre a educação infantil e o ensino fundamental.

A partir dos analisados, foi possível observar a complexidade dos processos de ensino e de aprendizagem no período do entrelugar, bem como, foi observada a fragilidade do saber docente para a dinamização de suas práticas pedagógicas a partir do uso das TICs durante o isolamento social. Considera-se, assim, a existência de lacunas na formação dos professores para o uso amplo de tais recursos no cotidiano e processos de ensino e de aprendizagens escolar.

Concluiu-se, portanto, que o entrelugar contempla um momento de transição e transformação da criança para o aluno e esse período deve ser

adequado para que as crianças não vivenciem medos, dores e sofrimentos que possam gerar influências em seu aprendizado. Por fim, o que se sugere neste artigo é que novos estudos com dados primários e secundários sejam realizados, discutindo inclusive os aspectos que envolvem o entrelugar neste momento de pós-pandemia da Covid-19 e a necessidade do uso de tecnologias digitais.

Referências

AURELIANO, F. E. B. S.; QUEIROZ, D. E. de. As tecnologias digitais como recurso pedagógico do ensino remoto: implicações na formação continuada e nas práticas docentes. **Scielo Preprints**, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3851/7208>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BARBOZA, G. de M. **Agora, acabou a brincadeira! A transição da educação infantil para o ensino fundamental na perspectiva dos coordenadores pedagógicos**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3249923. Acesso em: 03 dez. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa-Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

CAMARGO, G. B. **A travessia da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental: a experiência da criança**. 2020. 115 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/1884/66490>. Acesso em: 03 dez. 2021.

DIAS, E. B.; CAMPOS, R. Da educação infantil para o ensino fundamental: qual o fio condutor no processo de transição sob o olhar das crianças. **EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação. IX Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar – ENAEH. III Seminário Internacional de Representações Sociais – Educação. V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente- SIPO – Cátedra UNESCO**. PUCPR. 26 a 29 de outubro de 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22478_11003.pdf. Acesso em: 05 dez. 2021.

FONSECA, J. R. da; TEIXEIRA, L. R.; CARMONA, D. A. O socioconstrutivismo, a literacia e o trabalho com TICs durante a pandemia

de Coronavírus em 2020. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 2-10, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/34333/27615>. Acesso em: 20 jul. 2022.

KRAMER, S.; NUNES, M. F.; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições da Educação Infantil e no Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 69-85, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vZGy5F6XjQ3C9rS4VvrcMXJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MARTINS, J. C.; FACCI, M. G. D. A transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental. **Cad. Pes.**, São Luís, v. 23, n. 2, p. 73-88, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5346>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MARTINS, L. M.; ARCE, A. A educação infantil e o ensino fundamental de nove anos. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?** 2. ed. Campinas-SP: Alínea, 2010.

MOTA, A. S. **Alfabetização e heterogeneidade: o desafio de considerar os diversos saberes sobre a escrita no ensino remoto emergencial**. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35595/1/Adriana%20Sandes%20Mota.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MOTTA, F. M. N. De crianças e alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 157-173, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/53gd8ZjdNP6JZFnwZDrNjPJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2021.

NEVES, V. F. A. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental: um estudo de caso**. 2010. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_e5b27f9cd7f1eb0ddd378c72cbea7fa0. Acesso em: 03 dez. 2021.

QUEIROZ, N. L. N.; PULINO, L. H. C. Z. Da educação infantil ao ensino fundamental: construindo um processo de transição compartilhada. **Revista Com Censo #13**, v. 5, n. 2, p. 63-71, maio 2018. Disponível em:

<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/383>. Acesso em: 03 dez. 2021.

SILVA, M. A. da. “Vai sentar, parece que tem um bicho forgulha no corpo!”: o lugar das crianças no processo inicial de escolarização no ensino fundamental. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO, 2., 2012, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_11.01.34.889c98585008823d2c83e6555693a83e.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

SILVA, T. M. da. **Os entrelugares educação infantil-ensino fundamental: o que podem os currículos tecidos com os cotidianos das escolas?** 2018. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFES_a54b2f97542952f513b836c2ccb96019. Acesso em: 10 dez. 2021.

SILVA, T. M. da; SOUZA, L. R. S. Os entrelugares de uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental: currículos de resistência cotidiana. In: REUNIÃO NACIONAL ANPED: EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISAS: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS, 39., 2019, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: UFF, 2019. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_0_10.. Acesso em: 07 dez. 2021.

XAVIER, A. J. B.; SEFFNER, F. Adultização nos anos iniciais: uma questão de gênero? In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 10., 2016, São Cristóvão. Brasil, **Anais** [...]. Aracaju: Educon, 2016. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8972/4/Adultizacao_nos_anos_iniciais_uma_questao_de_genero.pdf. Acesso em: 21 maio 2022.

ZANATTA, J.; MARCON, V. I.; MARASCHIN, M. L. M. O processo de transição da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental: desafios e possibilidades. **EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação. IX Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar – ENAEH. III Seminário Internacional de Representações Sociais – Educação. V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente- SIPO – Cátedra UNESCO.** PUCPR. 26 a 29 de outubro de 2015. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1204>. Acesso em: 08 dez. 2021.

